

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto		Área: 95053 mm2	Âmbito: Nacional	Tiragem: 128332
Título: Discriminar a região do Douro positivamente faz todo o sentido – Entrevista a Ricardo Magalhães			Temática: Generalista	GRP: 11.4
2007/03/30	JORNAL DE NOTÍCIAS – PRINCIPAL	Pág.32	Imagem: 1/1	Periodicidade: Diária
				Inv.: 7620.00



Entrevista

“Discriminar a região do Douro positivamente faz todo o sentido”

A Unidade de Missão do Douro inicia, hoje, oficialmente, funções, com uma equipa liderada por Ricardo Magalhães, que era até agora vice-presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional - Norte. O primeiro acto público passa pelo protocolo de cedência da Casa de Magistrados de Peso da Régua por parte do Ministério da Justiça para albergar a sede daquele organismo.

Ernelinda Osório

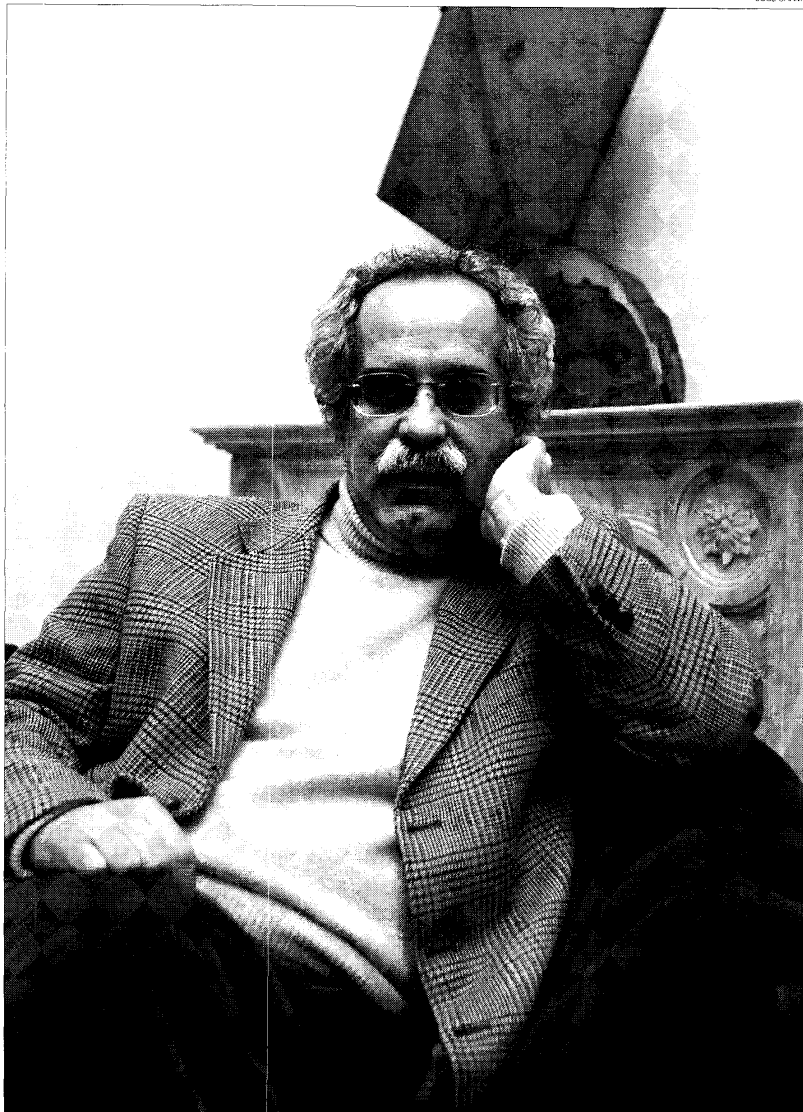
Ricardo Magalhães foi, desde o início, a personalidade que os autarcas e os agentes da região do Douro defenderam para coordenar a acção da Unidade de Missão. A actividade do organismo, reivindicado desde há anos, é aguardada com muita expectativa, numa região rica em planos de desenvolvimento, nunca concretizados e promessas do poder central raramente cumpridas.

JN | Finalmente a Unidade de Missão vai começar a funcionar. Já sabe qual vai ser a primeira iniciativa no terreno?

Ricardo Magalhães | Com certeza que sim. Mesmo antes de iniciarmos funções oficialmente, já começámos a trabalhar. Inclusivamente, já reunimos na Régua com autarquias da região e já recebemos cinco grupos económicos que querem investir no Turismo no Douro. Nas próximas duas ou três semanas, queremos tomar contacto com todos os projectos em curso.

Isso significa que já estão criadas a equipa e todas as condições logísticas?

O núcleo duro da equipa já existe. São cinco técnicos, como está previsto na resolução do Conselho de Ministros. Dois economistas, um engenheiro de planeamento do território, um arquitecto e um técnico de informação.



Magalhães lidera equipa com dois economistas, um engenheiro, um arquitecto e um técnico de informação

tutores especializados nas áreas de Recursos Humanos e Formação, Macroeconomia e Animação Cultural.

Mas o trabalho no terreno vai depender também de outros organismos, não é verdade?

Vai haver um grupo coordenador com assento de representantes dos ministérios do Ambiente, Economia, Agricultura, Obras Públicas, Trabalho, Cultura e Finanças. Também haverá seis representantes dos municípios. Reuniremos seguramente uma vez por mês. Haverá, ainda, um conselho consultivo, que integrará entidades públicas e privadas.

“**Tentaremos sempre que haja convergência de projectos, mas garanto que não ficaremos tolhidos caso não haja consensos**”

Isso parece ser muita gente...
Não é muita gente e vai funcionar. Em vez dos projectos andarem dispersos meses e meses de gabinete em gabinete, de ministério para ministério, tipo jogo da glória em que com sorte avança-se duas casas e com azar recuam-se outras tantas, vamos ter condições para criar uma nova agilidade. No mesmo dia, à mesma hora, à mesma mesa, um projecto terá o parecer de todas as entidades, e chegar-se-á a uma conclusão muito mais rapidamente.

Acha que vai ser fácil gerar consensos?
Vamos trabalhar para que haja

convergência de objectivos, porque isso é indispensável para a execução de determinados projectos. Temos que agir na base do colectivo. Mas posso garantir-lhe que não ficaremos tolhidos, caso não se consiga gerar consensos.

Quais têm sido, na sua opinião, os principais problemas do Douro?

O grande problema do Douro é que tem muitos espectadores. Nós queremos transformar essas pessoas em actores. Tendência não é destino, e nós não estamos condenados à estagnação. Chega de dizer: a culpa não é nossa, mas de alguém que está longe, no Terreiro do Paço. Ninguém se desenvolve por correspondência. Por isso, queremos envolver todas as agentes, os empresários, aqueles que investem na região. A Unidade de Missão não pode ser uma ligação apenas entre a administração central e a administração local.

Qual será, então, a sua base estratégica?

Não posso revelar tudo hoje. Mas posso dizer que esta estrutura traduz uma vontade política de discriminar positivamente o Douro. Isso faz todo o sentido, pois estamos numa região que apresenta à escala do país, os piores indicadores de desenvolvimento. Impõe-se uma estratégia operacional. Que eu conheça, o Douro já foi alvo de três planos estratégicos que nunca saíram do papel. A nossa estratégia vai ser passar à acção concreta, de uma vez por todas. Resumindo a questão em verbos: integrar, coordenar, dinamizar, executar e valorizar, são esses os nossos propósitos.

São muitas as vozes que defendem que sem uma reestruturação forte do sector vitivinícola, nada mais fará sentido... concorda?

Obviamente que a vinha e o vinho são a base económica da região. É com assento neste sector, que terá de ser feito o desenvolvimento. A estrutura de missão compete-lhe centrar-se num desenvolvimento integrado. Por isso, vamos trabalhar com os agentes, desde o Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, à Direcção Regional de Agricultura, à Associação de Exportadores, à Associação de Produtores e à Casa do Douro. Nós queremos colaborar de perto, do ponto de vista técnico, no reforço desse sector. Gostaríamos também de desenvolver parcerias com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, aproveitando este pólo de conhecimento para fazer uma ligação ao mundo empresarial, elevando competências e conhecimento. <